

4. Feminização e Expressividade

“Com o desenvolvimento das sociedades modernas, o controle dos mundos social e natural — o domínio masculino — ficou centralizado na ‘razão’. Assim como a razão, guiada pela investigação disciplinada, foi separada da tradição e do dogma, também foi separada da emoção.” (Giddens, 1992, p.218)

4.1 - A dificuldade masculina em demonstrar sentimentos

Vimos que a virilidade tal qual foi concebida na vigência do patriarcado é determinada por um conjunto de qualidades, sentimentos, atitudes e por um repertório de comportamentos que vão definir o que é *ser homem*. No capítulo sobre identidade masculina falamos sobre como o processo de socialização de meninos está a serviço de uma visão estereotipada, segundo a qual deverão tornar-se homens tendo como referência um padrão de virilidade que lhes é dado sem muita margem de escolha ou questionamento. Um processo cruel e opressivo, limitante e empobrecedor, no qual, segundo Nolasco (1993) “ser homem ficou reduzido a ser macho”. Este padrão de *macho*, a ser copiado por meninos e perpetuado pelos homens, exclui o desenvolvimento e a atualização de inúmeras potencialidades que podem ser muito valiosas na vida adulta, dentre as quais destacamos a capacidade de entrar em contato com suas emoções e expressá-las de forma assertiva.

“A educação de um menino, tal como concebida por nossa cultura, desenvolve-se valorizando mais o esfacelamento das características emotivas da dinâmica subjetiva da criança do que propriamente um modelo de homem que transcenda as fronteiras de seu sexo e do uso que deve fazer do mesmo. Ao longo de sua vida, um menino vai aprendendo a sufocar e a não revelar o que sente. Com isto, sutilmente vai abandonando a si mesmo, e deste abandono nasce a ilusão de que a incorporação do estereótipo do macho lhe concederá, quando adulto, o resgate do paraíso perdido na infância.” (Nolasco, 1993, p.47)

Betcher e Pollack (1993), Muzio (1998), Gratch (2001) e Cuschnir e Mardegan Jr. (2001) entendem a dificuldade masculina em demonstrar seus sentimentos como sendo vinculada ao temor que o homem tem de se expor, de

mostrar-se frágil e de tornar-se vulnerável diante do outro,¹ de tal modo que, ser “reservado” e “fechado” tornaram-se traços comuns ao modelo estereotipado de homem. A necessidade de abafar suas emoções, de viver como se elas não existissem ou fossem pouco importantes, de modo a se enquadrar no modelo masculino que é socialmente prescrito traz as experiências de meninos e homens para um plano muito árido e, por vezes, embrutecido, além, é claro, de inibir o desenvolvimento de uma habilidade fundamental: a de entrar em contato consigo próprio e de se conhecer. Este “embotamento” afetivo contribui para tornar o homem ainda mais vulnerável em situações nas quais não é possível ter o controle total de suas emoções. Nessas ocasiões, a agressividade pode surgir como única resposta viável por parte de um sujeito que se vê represado e sem chances de manifestar seus medos, angústias e carências (Nolasco, 1993 e 2001). Uma vez chegado à idade adulta, o homem ainda poderá portar-se como um menino, um homem emocionalmente imaturo que vai, em certos casos, ter inúmeras oportunidades de assustar-se e surpreender-se com o que desconhece de si mesmo.

Uma das atribuições mais importantes de uma masculinidade estereotipada, segundo Muzio (1998), é a de não poder se emocionar, nem se permitir afetar por nada de ordem sentimental, não sendo, igualmente, autorizadas quaisquer queixas sobre problemas de origem emocional. A autora acrescenta que a ideologia machista leva os homens a crerem que sequer têm do que se queixar e que, pela pouca consciência que têm do peso cultural a que estão submetidos, eles têm se mantido em silêncio. Em outras palavras, os homens foram silenciados pela ação da visão estereotipada que têm de si próprios. Por acreditarem que o sofrimento e o isolamento existencial são coisas naturais e normais, que devem ser vividas, mas jamais questionadas — uma vez que isso também implicaria em questionar suas próprias identidades —, durante muito tempo, os homens permaneceram distantes dos consultórios psicológicos, que por razões opostas sempre foram maciçamente freqüentados por mulheres de todas as idades. Quando um homem chega a pedir ajuda é porque o nível de tensão chegou a um ponto insuportável, nos diz Muzio (1998). A habitual resistência dos homens em procurar ajuda psicológica e a dar continuidade a um tratamento psicoterapêutico

¹ Em *Análise Terminável e Interminável* (1937), ao tratar do problema da transferência Freud fala da resistência que os pacientes homens apresentam em se apresentar na posição passiva sobretudo diante de outro homem, no caso o analista.

surge como efeito de prescrições culturais estereotipadas tais como: “Problema? Você deve resolvê-lo sozinho!”; “Agüenta firme!”; “Você tem que ter auto-controle!”; “Seja forte!”; “Descontrole emocional é coisa de mulher!”

No trabalho com famílias, por exemplo, é comum observar-se grande resistência por parte dos maridos e/ou pais, de modo que a problemática familiar é quase sempre explicitada pela mulher. Quando solicitado a se pronunciar, na maioria dos casos, o homem não chega a falar sobre como se percebe diante das situações de conflito, nem a expressar nominalmente nenhum sentimento suscitado pela questão. Em geral, limita-se meramente a emitir opiniões racionais a respeito daquilo que considera como sendo as razões objetivas do problema (Muzio, 1998). Este comportamento tão tipicamente masculino está relacionado à dificuldade que muitos homens encontram em lidar com problemas que não se limitem a fatores exclusivamente externos ou de ordem prática, pois caso sejam identificados como sendo de caráter subjetivo, eles correm o risco de serem estigmatizados como “problemáticos” e/ou “fracos” (Nolasco, 1993 e 1997; Gratch, 2001; Cuschnir e Mardegan Jr., 2001). Estes homens, portanto, se mantêm calados e, desta forma, seus medos, desejos e anseios mais profundos são, finalmente, reprimidos por um processo lento — mas certo! — de construção do que seria um *homem de verdade*. Este ideal, tão acriticamente valorizado pela cultura patriarcal, mais reflete, no entanto, a imagem de um sujeito parcialmente destituído de sentido para uma vida plena e podemos acrescentar ainda que, na visão de Nolasco (1993), o homem que se constituiu a partir do modelo de *macho* é um ser incapacitado a “se envolver e se apaixonar pela vida, já que para a paixão ou o amor a objetividade escapa”.

Assim, observa-se que as imposições do modelo masculino tradicional limitam a comunicação e a vida emocional dos homens, pois também as expressões de ternura estão vetadas, uma vez que devem ser evitadas quaisquer manifestações consideradas como tipicamente femininas. Desde pequenos os meninos têm o choro inibido por ser socialmente interpretado como expressão de fraqueza e vulnerabilidade emocional e, a este respeito, Cuschnir e Mardegan Jr. (2001) vão ainda mais além afirmando que, com base em pesquisas que indicam uma maior extroversão por parte das mulheres do que dos homens no convívio social, até mesmo o riso, o entusiasmo e a alegria foram extirpados das vivências masculinas. Esta argumentação nos parece um tanto exagerada, não obstante, vale

lembrar que, há não muito tempo atrás, a expressão “ele é um rapaz alegre”, era freqüentemente empregada para se referir de forma pejorativa aos homossexuais masculinos, que, em alguns casos, podem constituir a mais perfeita antítese da noção de *macho* ou *homem de verdade*.

A expropriação dos sentimentos masculinos desde a mais tenra infância conta também com o empenho das mães, igualmente capturadas pela ideologia patriarcal e machista, que, por vezes, assim como os pais, educam seus filhos para serem “durões” e senhores de si. Mais tarde, quando adultos, os homens serão cobrados por outras mulheres — suas namoradas, companheiras e filhas, principalmente, mas também por colegas de trabalho — pela falta de carinho, atenção e ternura, pela incapacidade de comunicação emocional, pela dificuldade de reconhecer seus erros e de aceitar críticas (Muzio, 1998).

Pelas mesmas razões, expressar afeto e carinho por amigos homens requer destreza especial em disfarçar sentimentos que possam gerar interpretações dúbias. No caso dos homens brasileiros, por exemplo, abraçar um amigo com o corpo inteiro só ocorre em circunstâncias muito específicas de comemoração de gol em partida de futebol. Em encontros sociais o aperto de mãos com alguma veemência e o “tapinha” rápido nas costas é a expressão máxima socialmente permitida. Mesmo o amor meramente fraternal por outro homem é sempre encarado como uma ameaça à virilidade e as demonstrações de felicidade e alegria ao rever um amigo querido também devem ser contidas ou, então, disfarçadas, seja por alguns comentários jocosos, ou pelo enaltecimento de alguma conquista recente do amigo no trabalho ou em alguma outra esfera preferencialmente bastante masculina da vida. Assim, Da Matta (1997) nos diz que um dos preços da masculinidade é a eterna vigilância das emoções, dos gestos e do próprio corpo. Ou seja, a expressão corporal também deve ser controlada uma vez que, como vimos, a construção da identidade masculina passa antes de tudo por negar o feminino e a homossexualidade, podendo, em muitos casos, chegar até mesmo a uma *homofobia*.

Outros autores como Giddens (1992), Badinter (1992) e Betcher e Pollack (1993), ao confirmarem a idéia de que o *macho* se constrói em oposição à mulher e ao *gay*, apontam ainda para um excesso de polarização nas formas como muitos homens percebem e compreendem o mundo. Esta polarização, segundo Nolasco (1993), “os leva a opor masculino e feminino, dever e prazer, controle e

descontrole” através de uma postura maniqueísta que reflete um empobrecimento subjetivo gerado pela socialização restritiva a que foram submetidos. Nesta perspectiva, as diferenças individuais entre pessoas de sexos distintos só podem ser compreendidas pelos homens quando são biologicamente definidas. Ou seja, sob a influência de simplificações estereotipadas, as representações do que é *ser homem* e do que é *ser mulher* ficam delimitadas pela posse do órgão genital e pelo funcionamento hormonal correspondente ao respectivo sexo. Um agravante à polarização masculino-feminino foi descrita por Nolasco (1993) como “uma prática sexual que nega o corpo masculino como fonte de prazer, fazendo com que desta negação seja mantida uma separação entre corpo, genitais e envolvimento afetivo.” Para este autor, “a liberdade sexual masculina é um blefe de que os homens ainda não se deram conta”, uma vez que “no contato sexual, a entrega do corpo não significa necessariamente a entrega de si” (Nolasco, 1993, p.71). Somado a isso, o desconhecimento de si próprio vai implicar ainda no desconhecimento do outro, bem como de suas necessidades, fazendo com que nas relações amorosas a entrega pessoal se constitua em experiência desconhecida por um número de homens maior do que muitas vezes gostaríamos de admitir.

Em vista disso, levada ao extremo, a necessidade de demonstrar potência e virilidade pode transformar momentos que poderiam ser de amor e prazer em verdadeiras competições. Nestes casos, como em qualquer competição, o homem está sujeito a não vencer e a frustrar-se, o que pode levá-lo indistintamente à violência e/ou à busca de “encontros impossíveis” e “relações superficiais”. Assim, a intimidade se apresenta quase como um enigma a ser desvendado, uma vez que, nas parcerias amorosas, tudo que não é de ordem prática, objetiva ou sexual parece imerso em um ambiente meio nebuloso. Ainda como à época de Freud, qualquer coisa que diga respeito à esfera privada, ao feminino e às mulheres parece, freqüentemente, envolto por um véu de mistério. Neste território o homem pode, então, sentir-se como um forasteiro, uma vez que não desenvolveu as potencialidades necessárias para lidar com situações em que a lógica racional não serve como principal ferramenta a ser manejada (Giddens, 1992; Nolasco, 1988 e 1993; DaMatta, 1997; Veiga, 1997; Cuschnir e Mardegan Jr., 2001). Na esfera das relações afetivas é comum que a desenvoltura, tão habitual no mundo público, se mantenha apenas até os primeiros encontros, sendo as etapas seguintes marcadas

pelo medo do desconhecido mundo subjetivo. Para muitos, o exercício da sedução talvez seja simples, mas o que fazer com a conquista? O que ela representa?

“Desde o início das transformações que afetam o casamento e a vida pessoal, os homens em geral excluíram-se do desenvolvimento do domínio da intimidade. As ligações entre o amor romântico e a intimidade foram suprimidas, e o apaixonar-se permaneceu intimamente vinculado à idéia de acesso: acesso a mulheres cuja virtude ou reputação era protegida até que pelo menos uma união fosse santificada pelo casamento. Os homens tenderam a ser ‘especialistas em amor’ apenas com respeito às técnicas de sedução ou de conquista.”

(Giddens, 1992, p.70-71)

Por anacrônico que possa parecer, alguns homens permanecem, como dissemos, presos a uma polarização maniqueísta que os leva a categorizar as mulheres segundo padrões há muito descartados por uma moral sexual mais igualitária (Jablonski, 1991, 1996; Goldenberg, 1991 e 1997; Veiga, 1997; Wang, 2001)². Não importando em que categoria a mulher conquistada seja enquadrada (“pra casar”, “galinha”, “cachorra” ou simplesmente mulher, para aqueles que já não adotam categorização alguma), ela será sempre portadora de uma ameaça, ou quem sabe na melhor das hipóteses, um desafio, na medida em que representa a necessidade do homem lidar com seu mundo interno, seus desejos, suas emoções, sua subjetividade, enfim. A este respeito Betcher e Pollack (1993) e Gratch (2001) relatam diversos casos clínicos de homens que passaram a buscar seus consultórios devido a problemas de relacionamento com suas namoradas, esposas e/ou companheiras. Ao que parece, as dificuldades masculinas agravam-se ainda mais quando aliadas a uma série de desdobramentos do *zeitgeist* individualista, propiciando uma lamentável dinâmica de relações freqüentemente insatisfatórias e que foram descritas por Nolasco (1997) como sendo “concentradas no sexo de baixa emoção e alta intensidade”.

A respeito da preocupação constante do homem no tocante à necessidade de afirmação de sua identidade sexual, DaMatta (1997) nos fala de como no Brasil a *crise de masculinidade* já se fazia presente há muito tempo. O autor nos fala sobre a importância do papel da mulher na construção de um *homem* e descreve um processo muito particular e distante da socialização estereotipada de que vimos falando. Um processo que, não obstante todo um conjunto de valores e

crenças que dificultam o encontro do homem consigo próprio e com a mulher, só se dá precisamente na realização deste encontro. A reflexão empreendida por DaMatta toma por base suas vivências pessoais, numa pequena cidade do interior de Minas Gerais, em que, ainda jovem, pôde perceber que sua condição de homem dependia menos da posse de um pênis e mais de sua capacidade subjetiva de relacionar-se.

“Mais importante do que ter o aparato masculino era saber relacionar-se. E relacionar-se consistia basicamente em descobrir que *ser homem* não era a mesma coisa que *sentir-se como um homem*. Pois *ser homem* era ter o aparato físico masculino, mas *sentir-se homem* era passar pela maravilhosa aventura de experimentar o relacionamento como *homem* com uma mulher (...)”

(DaMatta, 1997, p. 48)

As palavras de DaMatta podem ser inspiradoras, não obstante os repetidos enganos masculinos — que muitas vezes contam com o auxílio feminino, é importante que se diga — no que se refere aos esforços empreendidos para garantir *status* e poder através de um *falo imaginário* que é frequentemente confundido com o próprio pênis.³ Em muitos casos, os embates para alcançar determinadas posições de reconhecimento social acabam se estendendo aos diferentes setores da vida pública e privada, de modo que as relações de poder se tornaram comuns não só na vida profissional, mas também no contato com amigos e, sobretudo, na esfera familiar.

É desnecessário dizer, todavia, que, apesar das visões estereotipadas que perpassam o imaginário social, nem todos os homens são ou foram sempre uns “brutamontes tirânicos”, nem muito menos uns “perdidos” que não sabem como se relacionar com uma mulher. Apesar destas imagens serem recorrentes em boa parte da literatura a respeito do tema, gostaríamos de frisar que tudo o que vimos apresentando diz respeito aos estereótipos masculinos e ao peso que exercem sobre alguns ou muitos homens, mas não sobre todos. Além disso, como assinalamos no capítulo anterior, já estão em curso uma série de transformações relativas à identidade masculina, muito embora nem sempre tão alardeadas como as transformações dos papéis desempenhados pelas mulheres. As transformações

² A questão da *dupla moral sexual* já havia sido, de certa forma, abordada por Freud em *Um Tipo Especial de Escolha de Objeto Feita Pelos Homens* (1910).

³ Ver capítulo 3, nota n.4 sobre *falocracia* (p.55).

atravessadas por alguns homens talvez sejam mais silenciosas e apenas observadas em algumas atitudes corriqueiras ou na esfera pessoal mais íntima (Muzio, 1998; Cuschnir e Mardegan Jr., 2001).

Não estamos com isso dizendo que pretendemos nos enganar a respeito de uma realidade que não é simples de ser recriada. Se mesmo após algumas décadas de trabalho árduo o feminismo ainda está longe de muitas de suas metas iniciais, como podemos esperar que as questões masculinas cheguem a termo em tão pouco tempo? Neste sentido, ao falar sobre as dificuldades de construção do que seria *um novo homem* — ou *novos homens* como preferem alguns autores por nós anteriormente citados —, Jablonski (1995) constrói a metáfora bem-humorada do *boçalossauro*, um animal pré-histórico que habita os recônditos da alma masculina e que resiste aos diversos apelos e movimentos que já poderiam ter levado à sua extinção.

“Não devemos ser ingênuos o bastante para ignorar o fato de que — escancaradamente em muitos homens e sutilmente em outros tantos — há ainda um boçalossauro não extinto, perigosamente à espreita. É a consciência de que o caminho em direção a uma nova identidade é longo, sinuoso, difícil e ameaçador que pode torná-lo um pouco menos isto tudo.” (Jablonski, 1995, p.164)

Não podemos encerrar este tópico sem mencionar, ainda que muito rapidamente, as posições de António R. Damásio e Philip G. Zimbardo quanto ao engano forjado pela modernidade de que razão e emoção não andam, ou não devem andar juntas. Em contextos distintos estes autores nos alertam para uma das principais falácias na qual se apoiaram os ideais tradicionais de masculinidade, qual seja: a razão não deve permitir-se influenciar pela emoção.

Em *O Erro de Descartes* (1994), Damásio apresenta alguns casos de pacientes neurológicos, a partir dos quais questiona a concepção cartesiana de separação entre mente e corpo. O autor esclarece que sentimentos e emoções são uma percepção direta de estados corporais e constituem um elo indispensável entre o corpo e a consciência, de modo que, uma pessoa incapaz de sentir, mesmo tendo o conhecimento racional relativo a uma determinada coisa ou situação, será incapaz de tomar quaisquer decisões a respeito dela. Dito de outra forma, a racionalidade por si só não é suficiente para a tomada de qualquer decisão, pois os

sentimentos e as emoções são peças fundamentais também neste processo que é exclusivamente objetivo apenas na aparência. Já na introdução o autor nos diz:

“É provável que as estratégias da razão humana não se tenham desenvolvido, quer em termos evolutivos, quer em termos de cada indivíduo particular, sem a força orientadora dos mecanismos de regulação biológica, dos quais a emoção e o sentimento são expressões notáveis. Além disso, mesmo depois de as estratégias de raciocínio se estabelecerem durante os anos de maturação, a atualização efetiva das suas potencialidades depende provavelmente, em larga medida, de um exercício continuado da capacidade para sentir emoções.” (Damásio, 1994, p.12)

Por sua vez, ao falar sobre os efeitos da modernização associada à urbanização no processo de nuclearização da família — que se tornou, segundo Lasch (1977), um abrigo para os males externos, “um refúgio afetivo em meio a uma sociedade fria e extremamente competitiva” —, Jablonski (1991) recorre às reflexões de Zimbardo (1975) sobre o famoso experimento da prisão.

“‘Quando as pessoas perdem a capacidade de experimentar emoções, quando suas manifestações emocionais são tolhidas’, ocorre o que há de pior em termos de distúrbios psicológicos. ‘Sem emoções, não há base para a empatia, para a ligação com os outros, para o amor, para a atenção e até para o medo das consequências de nossos atos.’ (...) Nesse sentido, nossa sociedade funciona igualzinho a uma prisão, ‘ingenuamente acreditando que suprimindo as emoções estaríamos elevando a razão.’” (Jablonski, 1998 [1991], p.61-62)

4.2. A comunicação nos relacionamentos amorosos

Giddens (1992) abre seu trabalho sobre a transformação da intimidade afirmando a existência de um “abismo emocional entre os sexos”. Para explicar a passagem de um modelo de relações hierarquizadas para um modelo mais igualitário, que denominou *relacionamento puro*, o autor parte de um estudo sobre a sexualidade, passando por uma análise sobre o amor, até chegar à noção de intimidade como um exercício de democracia. Depreende-se de sua explanação que o ponto central da democratização das relações amorosas é o diálogo constante e a redefinição permanente da interação entre os parceiros.

Segundo Giddens (1992), a criação desse “abismo emocional” contou com a ampla disseminação dos ideais de *amor romântico* nas sociedades patriarcais ocidentais. Estes ideais contribuíram, juntamente com outros fatores analisados nos capítulos anteriores, para manter mulheres e homens em extremos opostos,

consolidando, por fim, a separação entre papéis sociais definidos segundo os gêneros feminino e masculino.⁴

“Desde suas origens”, diz Giddens (1992), “o *amor romântico* suscita a questão da intimidade” e, neste sentido, ele é um precursor do *relacionamento puro*, apesar de ser essencialmente um amor feminilizado e restrito ao âmbito doméstico, tendo surgido numa época em que os homens precisavam administrar as tensões entre o amor sacralizado da esposa e a paixão profana pela amante. A superação da distância que separava mulheres e homens, segundo o autor, foi possibilitada pela desvinculação do exercício da sexualidade da necessidade de reprodução, culminando no que chamou de *sexualidade plástica*.

A análise de Giddens (1992) é extensa e minuciosa, mas, no momento, o que nos interessa ressaltar é o aspecto democratizante do *relacionamento puro* no que diz respeito à possibilidade de diálogo aberto entre os parceiros, conforme definido pelo autor. Chamamos atenção para a premissa de que este tipo de relação pressupõe igualdade sexual e emocional, sendo que a comunicação é o meio pelo qual ela é reflexivamente organizada e permanentemente reavaliada.

Se as mulheres venceram algumas das barreiras da desigualdade sexual, a desigualdade emocional ainda é, contudo, um obstáculo a ser vencido pelos homens, uma vez que sempre se mantiveram mais envolvidos com as esferas práticas e não subjetivas dos relacionamentos. Giddens (1992) enfatiza o fato dos homens terem sido inibidos a se desenvolver na esfera da intimidade, necessitando, assim, de um empenho especial para uma comunicação eficaz nos moldes requisitados pelos *relacionamentos puros*.

“Intimidade significa a revelação de emoções e ações improváveis de serem expostas pelo indivíduo para um olhar público mais amplo. Na verdade, a revelação do que é mantido oculto das outras pessoas é um dos principais indicadores psicológicos capaz de evocar a confiança do outro e de ser buscado em retribuição.” (Giddens, 1992, p.153-154)

Assim, a abertura de um em relação ao outro consolida uma possibilidade real de construção de um “relacionamento especial”, abrindo mão da busca idealizada por uma “pessoa especial”. O autor nos informa que quanto maior a

⁴ Assim como Anthony Giddens, Badinter (1986 e 1992), Coontz (1992), Kehl (1996 e 1998) e outros também entendem que o ideário romântico teve papel preponderante da divisão entre os mundos público e privado.

igualdade na doação e no recebimento emocionais, mais o laço amoroso aproximar-se-á do protótipo do *relacionamento puro* e acrescenta que:

“(...) o amor só se desenvolve até o ponto em que se desenvolve a intimidade, até o ponto em que cada parceiro está preparado para manifestar preocupações e necessidades em relação ao outro e está vulnerável a esse outro.”

(Giddens, 1992, p.73)

Mas, como nos lembra o autor, o *ethos* do *amor romântico* contribuiu para a idéia de que o homem deve apresentar-se como “frio” e “inatingível”, características que sempre foram exibidas como “máscaras para a vulnerabilidade emocional masculina” que precisa poder ser exposta, sob pena da intimidade do relacionamento ser corrompida por segredos e silêncios intransponíveis. A valorização da intimidade e da comunicação nos *relacionamentos puros* pressupõe, como já foi dito, reavaliações permanentes para constantemente renegociar as formas como se dá a interação entre os parceiros.

Algumas pesquisas realizadas no Brasil nos últimos dez anos abordaram, direta ou indiretamente, a questão da comunicação entre casais heterossexuais de classe média da cidade do Rio de Janeiro. Dentre elas, destacamos as de Travis(1997), Magalhães (1993) e Dias (2000).

Em uma pesquisa sobre conflitos conjugais e expectativas no casamento, Travis (1997) verificou que a comunicação entre os membros do casal foi a categoria que suscitou as respostas mais longas e o maior número de comentários por parte dos sujeitos por ela entrevistados. A autora acredita que este resultado espelha o fato da comunicação ser o meio utilizado para a transmissão de sentimentos, desejos, opiniões e expectativas, além de ser também o veículo através do qual são intermediados os conflitos conjugais, através de interações verbais e não verbais.

Ressaltamos que, além disso, foram encontradas algumas distinções entre as formas como mulheres e homens lidam com os diferentes aspectos abordados no estudo conduzido por Travis (1997), uma das quais diz respeito à forma como as expectativas individuais são comunicadas ao cônjuge. Neste caso, de um modo geral, apenas as mulheres falaram explicitamente sobre seus anseios, enquanto as expectativas dos homens foram observadas através de uma comunicação mais indireta por parte destes. A falta de consciência das próprias expectativas e/ou a

não comunicação destas ao parceiro foi apontada pela autora como podendo originar, bem como acirrar desentendimentos não resolvidos pelo casal. Assim, podemos inferir que a postura mais reticente por parte dos homens poderia contribuir, mais que a das mulheres, para alguns conflitos conjugais.

Outro achado interessante diz respeito à qualidade da comunicação ter sido relacionada pelas mulheres às noções de intimidade e companheirismo e pelos homens ao grau de compreensão das dificuldades do outro e à possibilidade de rever posições e opiniões. Não obstante as diferentes correlações, tanto homens quanto mulheres consideraram a comunicação pouco efetiva como um elemento desencadeador de conflitos conjugais, sendo que, quando esta era considerada problemática, as mulheres atribuíam a responsabilidade direta e explicitamente ao companheiro, enquanto os homens não procuraram fazer atribuições, limitando-se apenas a descrever as dificuldades encontradas. Com relação às expectativas relacionadas à vida sexual, as mulheres reportaram ansiar por mais romance e os homens por maior frequência de atividade sexual.

Travis (1997) também assinalou que o desenvolvimento emocional é mais estimulado nas mulheres do que nos homens, fazendo com que a tarefa de administrar as emoções na parilha conjugal caiba principalmente àquelas. Por fim, concluiu que as mulheres pareceram mais cientes de suas próprias expectativas, falando delas de forma explícita, bem como demonstrando disposição para analisá-las e comentá-las. A maioria dos homens, por sua vez, deixou transparecer suas expectativas de forma não explícita, indicando, em alguns casos, uma ausência de reflexão e, em outros, uma certa dificuldade em comunicá-las.

Em estudo realizado sobre individualismo e conjugalidade, Magalhães (1993) teve o “segredo” como uma dentre diversas categorias de análise. Segundo a autora, o segredo se refere à área privativa de assuntos considerados estritamente individuais, não compartilhada entre os membros do casal. O segredo representa, assim, o espaço para a individualidade em termos de pensamentos, desejos, sonhos e fantasias. A valorização do espaço para o segredo individual na relação conjugal foi, portanto, interpretada pela autora como uma manifestação significativa da individualidade no casamento.

Magalhães (1993) observou que os grupos de casais mais jovens são os que mais valorizam esse aspecto, enquanto nos grupos mais velhos houve uma

maior valorização do compartilhamento de idéias e pensamentos, sendo que, neste caso, o segredo passa, além disso, a ser considerado como ponto de afastamento entre o casal.

Nos casais mais jovens as diferenças entre mulheres e homens foram mais acentuadas no que diz respeito à importância atribuída ao espaço para o segredo, tendo os homens se mostrado mais reservados que as mulheres. Segundo a autora, à medida que vão envelhecendo, os homens passam a valorizar o compartilhamento, abrindo mão do que chamou “aspecto defensivo do segredo”. Este aspecto é interpretado por Magalhães (1993) como uma barreira para a entrega amorosa e para a revelação da intimidade, elementos cruciais da conjugalidade que são vistos pelos homens mais jovens como indicadores de fragilidade e vulnerabilidade. A equação se inverte, entretanto, na medida em que, com o tempo, as mulheres passam a lançar mão do segredo mais do que os homens, muito embora já o tenham valorizado desde o início da relação, sem que, contudo, o tenham empregado durante os primeiros anos de casamento.

Nos grupos mais velhos houve um maior compartilhamento de diversos aspectos da vida conjugal entre mulheres e homens indistintamente, bem como uma maior ênfase, por ambas as partes, em valores como solidariedade e estabilidade.

Dias (2000) também estudou as relações conjugais num contexto de valorização da individualidade e, assim como Jablonski (1991), observou os efeitos de uma série de ideais que se encontram em permanente conflito. A constante tensão entre interesses antagônicos é administrada de modos variados pelos casais entrevistados, mas, de forma geral a autora verificou que a vida em comum cria demandas que diminuem a atuação do indivíduo e favorecem o contexto compartilhado. A busca de equilíbrio entre demandas individuais e conjugais requer disposição permanente para observar a si mesmo e ao outro, de modo a garantir o respeito às diferenças individuais, aspecto igualmente valorizado por mulheres e homens. A preocupação em aprender a lidar um com o outro envolve, desta forma, estar atento às características de personalidade e às oscilações dos estados emocionais do cônjuge.

“Assim, o auto-conhecimento e a troca entre os parceiros são condições essenciais para a construção do relacionamento[, que] é concebido como um

espaço de aprendizagem e de crescimento comum, onde cada parceiro se enriquece como pessoa e um ajuda o outro no seu processo de desenvolvimento individual.” (Dias, 2000, p.215)

O conflito entre os ideais de amor-paixão e amor-companheiro foi descrito por Dias (2000) como “o dilema do companheirismo/erotismo” e, segundo pôde observar, ele se estrutura em torno da premissa de que a relação é construída na convivência cotidiana de companheirismo, mas o casal, para se manter enquanto tal, precisa também preservar o erotismo e o prazer. A este respeito, ao analisar os diferentes fatores que contribuem para o que denominou a *crise do casamento contemporâneo*, Jablonski (1991) diz:

“Assim, se o amor-paixão faz, nos dias de hoje, ‘acontecer’ os casamentos, é o amor-companheiro que vai mantê-los. Mas se uma cultura desvaloriza esse último e faz do primeiro o único digno do nome de amor, então, as coisas podem se complicar.” (Jablonski, 1998 [1991], p.79)

O sentimento amoroso traduzido em cumplicidade e carinho entre parceiros é privilegiado pelos casais estudados por Dias (2000). A intensidade erótica, que inevitavelmente diminui no casamento, é substituída pelo prazer de estar junto e de se sentir amado, apesar de, a longo prazo, não haver quaisquer garantias quanto às tensões que podem advir da necessidade de renovação na esfera sexual. Além disso, a autora indica outros pontos de tensão que estão relacionados às formas distintas como mulheres e homens lidam com aspectos relativos ao romance, aos conflitos e à comunicação.

As mulheres se apresentaram contraditórias quanto à superação dos ideais românticos: acreditam que a idealização deve dar lugar a uma visão mais realista, mas parecem sentir uma certa nostalgia pela perda do ideal de amor eterno, desejando que o relacionamento seja eterno e, também, apaixonado. Apesar de procurarem ser cautelosas e críticas com relação a estas expectativas, demonstram o desejo de viver uma relação intensa e apaixonada no casamento, mesmo considerando que isso não é possível, uma vez que, em alguns casos, as dificuldades enfrentadas no cotidiano impedem a manutenção da paixão e até mesmo a própria continuidade do relacionamento. A este respeito, cabe ressaltar que as mulheres entrevistadas por Dias (2000) vinculam a continuidade do relacionamento aos seus sentimentos pelo parceiro e à sua satisfação no

relacionamento. Elas querem que o casamento seja uma escolha amorosa e não uma mera relação de acomodação.

Os homens, no entanto, não se referem tão enfaticamente a esse aspecto e apenas acentuam que a relação deve ser satisfatória para ambos, sem demonstrar qualquer interesse em discutir a opção conjugal ou os sentimentos pela companheira. Ademais, os homens entrevistados por Dias (2000) mantêm uma postura de “ir lidando com as situações conforme estas se apresentam”, enquanto as mulheres se preocupam mais em refletir sobre a relação. Além disso, elas estão constantemente mobilizadas para agir, logo que detectam algo que consideram problemático, enquanto os homens não se mobilizam, até que “algo” tenha efetivamente ocorrido. As mulheres parecem estar sempre atentas ao relacionamento e sempre dispostas a questionar e analisar as situações, buscando soluções para os conflitos ou, pelo menos, tentando conversar sobre eles. Os homens, por sua vez, resistem um pouco aos questionamentos freqüentes e se aborrecem com o que consideram uma “excessiva necessidade das mulheres” em avaliar constantemente a relação. Eles se dispõem, sim, a conversar sobre suas insatisfações, mas apenas quando diante de algum fato concreto, divergindo das mulheres também quanto ao momento mais apropriado para a discussão, uma vez que, geralmente, elas querem discutir o assunto no momento em que o fato está ocorrendo, enquanto eles preferem “deixar os ânimos serenarem primeiro”.

A autora assinala que, na maioria das vezes os homens são instigados pelas mulheres a conversar sobre quaisquer indícios de conflito, pois estas entendem que o acúmulo de mágoas e ressentimentos decorrentes da falta de diálogo é um dos fatores que dificulta a continuidade da relação, justificando, desta forma, valorizarem tanto a comunicação. Assim, apesar de concordarem com o argumento feminino os homens discordam da dimensão dada pelas mulheres à necessidade de diálogo.

Esses aspectos da comunicação entre mulheres e homens também foram por nós verificados, ainda que de forma breve, em outra ocasião (Wang, 2001). Embora tenhamos nos concentrado no estudo apenas da visão masculina a respeito de seus relacionamentos amorosos, alguns de nossos entrevistados admitiram por si sós a existência de eventuais conflitos com suas companheiras no que diz respeito à categoria “discutir a relação”. Seja quanto à necessidade ou não de conversar, seja sobre quando fazê-lo, os homens por nós, então, entrevistados,

demonstraram, contudo, uma espécie de cuidado com a relação. Ao evitarem conversar sobre questões por eles consideradas menores, argumentam que não querem transformar em problema algo que pode ser superado sem muito trauma, bastando que cada uma das partes adote uma postura “mais *light*”, relevando aquilo que não merece ser ponto de desgaste no relacionamento. Da mesma forma, ao quererem adiar uma conversa a respeito de algum fato impactante estão, na verdade, procurando evitar o risco de se exaltarem e falarem de forma inadequada, demonstrando também uma atitude de cuidado com a manutenção do respeito entre os parceiros na relação. Ou seja, aquilo que normalmente é interpretado pelas mulheres como resistência, descaso, ou “desculpa esfarrapada” é argumentado pelos homens de forma diametralmente oposta, passando a constituir um ponto de discórdia entre o casal.

Aqui verificam-se algumas das diferenças lingüísticas existentes entre mulheres e homens, que segundo Gilligan (1982) e Tannen (1991), por exemplo, derivam dos processos de socialização diferenciados por que passaram. Assim, é como se mulheres e homens falassem línguas diferentes, pois mesmo quando empregam as mesmas palavras podem estar se referindo a experiências completamente díspares. Então será que os homens têm que aprender a falar a língua das mulheres? Ou será que as mulheres têm que aprender a respeitar o silêncio masculino? Quem sabe uma combinação de ambos?

4.3. Demandas de feminização

Ao cruzarem os limites da casa em direção à rua, as mulheres esperam que os homens façam o caminho inverso. Na medida em que passam a ocupar parte do seu tempo com tarefas externas ao lar, ficam para trás tarefas da vida privada que continuam exigindo atenção. Mas, o cotidiano privado não se reduz a meras tarefas domésticas, sendo que as atividades ditas femininas são, na verdade, “gestos” de cuidado, carinho e atenção, uma vez que dizem respeito a inúmeras maneiras de se ocupar das necessidades do outro (Darcy de Oliveira, 2003). Assim, seria muito simplista e ingênuo acreditar que as exigências de uma participação mais efetiva do homem no universo privado se limitam apenas às trocas de fraldas, às idas ao supermercado e atividades afins. A participação efetiva do homem no universo privado deve ser, antes de tudo, uma participação afetiva.

Entretanto, como já foi exaustivamente comentado, à falta, já parcialmente superada, de liberdade da mulher no mundo masculino, corresponde a falta de fluência do homem no mundo feminino — castrações diferenciadas, mas castrações *quand même*... Se as mulheres estão sendo requisitadas a desempenhar inúmeros papéis dentro e fora de casa, os homens, que já eram cobrados por desempenho no trabalho, passaram a ser cobrados também na vida privada.

Ao ideal patriarcal de virilidade e potência sexual, corresponde também a imagem de um homem afetivamente mutilado e emocionalmente impotente. O homem anteriormente todo-poderoso se vê agora despreparado para enfrentar outro tipo de problema para o qual não foi suficientemente treinado e para o qual encontra-se desarmado (Badinter, 1992).

Ternura, delicadeza e sensibilidade são novas exigências impostas aos homens que até então tinham que ser “apenas” fortes, valentes, protetores, durões e bons provedores das necessidades materiais da mulher e dos filhos. Alguns dos homens entrevistados por Nolasco (1988) disseram que têm procurado atender a estas exigências de modo a serem melhor aceitos pelas mulheres, que, segundo dizem, têm preferido se relacionar com homens mais sensíveis e carinhosos.

De fato, as transformações que vêm ocorrendo na esfera dos relacionamentos afetivos também contribuíram para que as mulheres passassem a exigir mais de seus companheiros. Como diz Rosiska Darcy de Oliveira, “o provedor saiu do ar” e o que algumas mulheres, hoje, demandam dos homens está cada vez menos relacionado às suas contas bancárias. É bem verdade que muitas continuam anacronicamente mais interessadas no financiamento de suas necessidades pessoais e, por vezes, também futilidades, outras tantas querem tudo, carinho, atenção, sexo e financiamento, inclusive! Bem, a discussão destas questões tão controversas do universo feminino terão que ficar para uma outra ocasião e o que nos importa agora são as demandas das mulheres que efetivamente mudaram e que estão mais relacionadas à interação amorosa em si. Neste caso, além do muito que se tem falado quanto às exigências femininas no campo sexual, é preciso acrescentar que as expectativas das mulheres não são relativas exclusivamente à qualidade e/ou à quantidade de seus orgasmos, ou seja, no que diz respeito à satisfação conjugal, o que vem sendo priorizado por muitas delas está também relacionado a exigências por mais afeto, amor, atenção, carinho

e companheirismo, apesar destas não serem demandas necessariamente restritas às mulheres (Diehl, 2002).

A este respeito, citamos recente pesquisa sobre satisfação conjugal, realizada na PUC do Rio Grande do Sul e publicada no ano de 2002, com quarenta e cinco casais de classe média da cidade de Porto Alegre, com idades variando entre 21 e 65 anos, que destacou a valorização das trocas afetivas pela maior parte dos participantes, independentemente de sexo ou idade.

“(...) mais da metade dos sujeitos disseram que se satisfazem só de sentar e conversar com o(a) companheiro(a). (...) Com relação ao que gostariam de aperfeiçoar no relacionamento, 54,6% dos participantes gostariam que existisse mais carinho e afeto (...)” (Falcke, Diehl e Wagner, 2002, p.181)

Em outro trabalho, Diehl (2002) argumenta que, embora o comportamento sexual feminino possa ter se tornado similar à criticada forma masculina de tratar o sexo, “as mulheres parecem ter conservado sua sensibilidade e afetividade” e acrescenta que:

“O homem, por sua vez, apesar de estar se tornando mais companheiro e participativo, ainda parece estar distante da mulher na área da afetividade. Em razão de uma sociedade ainda machista e voltada para a noção de homem como sinônimo de força e desempenho, ele enfrenta sérios problemas para conciliar certas expectativas sociais, como por exemplo: ser viril, duro e forte como um homem, e ao mesmo tempo, sensível, meigo e carinhoso, sem parecer homossexual.” (Diehl, 2002, p.154-155)

Em suma, como vimos, ao menos em parte, também no tópico anterior, as mulheres parecem querer que os homens falem mais sobre o que pensam e sentem, querem conhecer os desejos e expectativas de seus parceiros e, mais uma vez, o que observamos em estudos acadêmicos sobre questões cotidianas, amplamente exploradas por publicações destinadas também ao público leigo, são reflexos de um contexto social bastante mais complexo. Neste caso específico, o dilema masculino face a demandas de feminização não é um problema circunscrito apenas às questões de gênero.

A modernidade inaugurada por René Descartes glorificou a razão, colocando-a num patamar que acreditava-se jamais poder ser ocupado por qualquer outra faculdade. Durante quase quatro séculos pensou-se que a lógica

objetiva era, senão o único, pelo menos, o melhor meio de se chegar às verdades que pareciam importar para o controle da natureza e da vida humana. Após um longo período de diversas revoluções que afetaram as relações políticas e sociais, observamos, hoje, a crescente valorização de atributos tais como delicadeza, sensibilidade e intuição, bem como, através de diferentes modalidades terapêuticas nos ocupamos, cada vez mais, de questões de ordem subjetiva.

Com a queda do patriarcado, estamos vivendo um processo de feminização não só do homem, mas também de diferentes formas de expressão humana no mundo. O ciclo de debates *Pecados e Virtudes* realizado na PUC-Rio durante o ano de 2000 é um pequeno retrato das preocupações atuais. Maria Clara Bingemer, por exemplo, falou sobre a urgência da delicadeza como meio de

“(...) redimir a violência e a grosseria que parecem tomar conta da vida e do mundo em que vivemos. É tempo de sermos delicados, atentos, pendentes do outro e de sua dor, de seu sofrimento, de sua necessidade, de seu desejo. Tornar-nos sensíveis e vulneráveis ao sentimento do outro que faz vibrar profunda e belamente e, às vezes, dolorosamente as cordas mais íntimas e profundas de nosso coração e de nosso sentir.” (Bingemer, 2001, p.58)

A feminização da sociedade passa pela valorização dos gestos de cuidado com o outro, sendo este um valor social primordial. Neste sentido, vale lembrar ainda, o trabalho incansável das milhares de organizações não-governamentais espalhadas pelo planeta que se ocupam diariamente de inúmeras questões vitais que assomam às esferas tanto da natureza quanto das relações sociais. O mutirão, a cooperação e o trabalho voluntário surgem como opções à competição e ao egoísmo desmedido.

Uma radicalização, talvez utópica, da lógica feminina que se opõe à lógica do capitalismo liberal, masculino por excelência, na qual o trabalho, visando o consumo, se impõe como prioridade na vida de mulheres e homens, seria a *reengenharia do tempo*, conforme proposta por Darcy de Oliveira (2003). A autora apresenta uma proposta verdadeiramente ambiciosa de equilíbrio entre as demandas da vida pública e as do espaço privado e, para tal, sugere que se tenha mais tempo para a vida privada.

“A reengenharia do tempo é uma tentativa de repensar o cotidiano de homens e mulheres (...) que envolve medidas práticas, como a alteração dos horários da administração pública, dos serviços públicos e das escolas; a diminuição ou a

remodelagem dos tempos de trabalho, flexibilizados dentro das empresas; mudanças nos espaços de trabalho para permitir maior investimento em casa; transformação das mentalidades nas relações de gênero. (...) A reengenharia do tempo é a condição de eficiência na produção de si e de uma sociedade revitalizada. É uma nova arte de viver.” (Darcy de Oliveira, 2003, p.16)

Segundo a autora, a articulação entre a vida profissional e vida privada é um problema da sociedade, de como ela se organiza e de quais valores ela prioriza. Por enquanto, o que observamos são as negociações privadas entre mulheres e homens, porque ainda não reconhecemos o valor social da vida privada que é, na verdade, o espaço primeiro de promoção da civilização. Ainda não nos demos conta de que “transformar uma pequena criatura, um bebê recém-nascido, em um ser humano, é um ato civilizatório por excelência”, nos diz Darcy de Oliveira (2003, p.39), e, por esta razão, as responsabilidades inerentes a ele não podem ser delegadas. O chamado trabalho doméstico pode ser realizado por terceiros, mas as responsabilidades afetivas constituem um núcleo insubstituível de funções relativas à transmissão aos filhos da certeza de amor e proteção, bem como de todo um conjunto de valores que os introduz ao mundo civilizado.

A *reengenharia do tempo* realocaria o tempo que, hoje, mulheres e homens dedicam integralmente ao trabalho, de tal forma que poderiam dispor de mais tempo de convivência familiar, para viverem com seus parceiros e filhos tudo aquilo que não tem sido vivido por falta de tempo.

“A reinvenção da articulação entre a vida privada e o mundo do trabalho, de modo a preservar o direito de ambos os sexos a usufruir ambos esses mundos, sem ter que sacrificar um ao outro, é um desafio da contemporaneidade.”

(Darcy de Oliveira, 2003, p.65)

Assim, a *reengenharia do tempo* não constituiria um benefício exclusivo às mulheres, mas, sim, um benefício para toda a sociedade, um benefício que mulheres e homens estariam fazendo a si mesmos e a todos. Em trabalho anterior a autora pensa a incorporação dos significados da vida privada pelos homens da seguinte forma:

“A presença dos homens no mundo das mulheres trará uma possibilidade simétrica de reconstrução do masculino. Talvez então se poderá falar de igualdade, porque a verdadeira igualdade é a aceitação da diferença sem

hierarquias. E a certeza da diferença permanecerá no corpo, e nele o encontro mais fecundo.” (Darcy de Oliveira, 1999 [1991], p.74)